

DEMOCRACIA E CIDADE:

Tolerância, subjetividade e cuidado de si

Robert Pechman (IPPUR/UFRJ)

Fernando Pinho (IPPUR/UFRJ)

RESUMO GERAL

Vivemos tempos de transformação que não apontam para nenhuma utopia. Para espantarmos a distopia que se anuncia o remédio parece ser pensar a democracia em toda sua radicalidade: o direito ao prazer e a fuga da dor.

E se pensássemos a democracia não só na sua dimensão política, mas no plano de como ela se manifesta na vida da cidade? E se pensássemos que, para além da igualdade, a democracia fosse uma possibilidade de bem viver na cidade. Seria possível, então, pensar na democratização do prazer na cidade de forma que a sociedade e a cidade, como forma de materialização do social, se constituíssem a partir não da suspensão, da supressão, da repressão e da simples evitação do prazer, mas sim da pura e constante afirmação?

Não estaremos delirando se lembrarmos que o socialista-utópico Charles Fourier, desde os começos do século XIX, já propunha um novo modo de organização da sociedade, a partir de seu projeto dos falanstérios, de acordo com a formulação proposta acima. Fourier sugeria, além disso, que a civilização não era, necessariamente, o destino inexorável da humanidade. Para ele, a civilização impediria os seres humanos de se relacionarem de modo harmônico uns com os outros e todos com a natureza. Estamos aí diante, nitidamente, de uma recusa radical da civilização e de uma certa maneira da reorganização dos próprios laços sociais.

E se imaginássemos que o direito ao prazer é constituinte do próprio direito à cidade e à sociedade? A tradição grega que nos deu a democracia, nos deu igualmente a pólis, a política, a politesse, a phylia (predisposição para a sociabilidade, ou seja, a amizade) e a gentileza da hospitalidade para com o outro. E, no entanto, forçoso é compreender que as pedras de que se constituía a polis, sem a carnalidade dos corpos dos cidadãos, seria inócua na construção da cidade, pois esta não haveria sem o corpo cidadão. Habitar a cidade é mais que se instalar no espaço; é a possibilidade de realizarmos nossa excelência e virtude, indissociáveis da busca do prazer e fuga da dor. Viver é mais do que sobreviver. Uma cidade sem espaço para a amizade, para a fraternidade, para o prazer nunca será democrática.

Esta Sessão Livre reúne trabalhos que se debruçam sobre a vida urbana, suas formas de organização e as múltiplas relações instauradas na cidade, as quais fazem deste espaço muito mais do que um elemento geográfico. São as relações sociais, em sua diversidade, em suas tramas e dramas, em suas alianças, negociações e conflitos, que constituem, afinal, a cidade. Para além do espaço das relações de produção, a cidade é, por excelência, o lugar da produção de relações. Em sintonia com o tema central do XVIII ENANPUR – **Tempos em/de transformação – utopias** –, os trabalhos aqui reunidos tematizam a cidade como o lugar do encontro, da convivência, da solidariedade e dos prazeres, mas abordam também a cidade em seus momentos de desencontro, intolerância, desigualdade e dor. De fato, estes dois sentidos sobre a cidade não são excludentes entre si. Na modulação entre civilização e barbárie, entre Eros e Tânatos, o que importa nessa discussão é colocar em palavras as possibilidades que o viver na cidade aponta, tanto para a celebração dos sujeitos e da vida social como para o seu apagamento e morte.

DEMOCRACIA/DEMOCRACIAS?

Maria Stella Bresciani (UNICAMP)

Coloco em debate a noção grega de democracia, polis e phylia, não como “tradição”, mas como “herança” da “Grécia clássica”, pois merece ativa reflexão. Trazê-la para nosso tempo não implica necessariamente refazer seu momento de instauração, mas retirá-la da atemporalidade idealizada, não esquecendo a dimensão sombria da guerra civil que, em 403 A.C., fez os atenienses repensarem seus termos.

Esse “retorno” é crucial para darmos vida a uma representação que remonta a lendas, como a de Antígona, à dolorosa partilha/separação entre as leis (escritas) da cidade e as leis de Zeus – da família, nos termos modernos, entre o público e o privado. Jean-Pierre Vernant afirma ter essa partilha despido o poder de “seu caráter sagrado e fez com que os assuntos humanos fossem tratados pelo debate, pelo logos, a análise intelectual, a reflexão positiva”. Não a imóvel perfeição ausente de conflito, mas sim o difícil e instável equilíbrio entre conflito e discórdia, antagonismos próximos à guerra civil.

A cidade como “lugar/espço comum dos cidadãos” comporta a discriminação como parte da herança recebida. Inserir-la em sua temporalidade obriga a nos lembrar de uma importante conquista do século XX: o acolhimento de todos ao “espço comum” do cidadão, a cidade.

CONFIANÇA E TOLERÂNCIA NA CIDADE

Robert Pechman (IPPUR/UFRJ)

A cidade é o lugar da aventura, o lugar do acontecimento, o lugar do espanto, o lugar da surpresa, o lugar do outro. No entanto, para que esse lugar de encontro se mantenha vivo é preciso que a cidade possibilite, incessantemente, a experiência da aventura. Minha pergunta é: as cidades ainda são propícias ao encontro, à experiência?

Tomo como condição básica de qualquer cidade de propiciar o encontro, dois fatores cruciais na experiência da sociabilidade: a confiança e a tolerância. Dito de outra maneira, confiança e tolerância compõem aquilo que chamo da condição urbana da cidade e que se tornou instituinte de sua condição humana, na medida em que a condição urbana da cidade não se traduz apenas em arquiteturas e urbanismos. Diria mesmo que a condição urbana da cidade se funda na crença do direito à cidade, nos seus aspectos materiais, simbólicos e culturais e que a condição humana se funda na suposição de cada qual poder ser o que quiser, sem nenhum tipo de discriminação em relação à sua corporeidade.

DE QUE CIDADES SE COMPÕEM NOSSAS SUBJETIVIDADES?

Eliana Kuster (IFES)

Como a vida nas grandes cidades influencia a nossa psique? O primeiro a colocar essa questão foi Georg Simmel, no início do século XX. Desde então, diversos autores se debruçaram sobre o tema, tentando estabelecer as maneiras através das quais o cotidiano urbano molda subjetivamente aqueles que o vivenciam. Autores como Jane Jacobs, Richard Sennett e Christopher Lasch buscaram contribuir e atualizar o tema, olhando para a vida urbana e tentando enxergar os tensionamentos e as possibilidades que essa nos traz e suas derivações para nossa constituição interna.

Para investigarmos as cidades, hoje, não basta mais analisarmos sua concretude e morfologia. Não basta, sequer, as considerarmos em sua capacidade de constituir encadeamentos sociais. Os arquitetos, urbanistas, sociólogos, geógrafos e historiadores, ou seja, aqueles que tradicionalmente eram as vozes competentes quando o assunto era vida urbana, estão tendo que abrir espaço para outra categoria profissional: os psicanalistas. Hoje, para compreendermos a vida urbana e as nossas possibilidades de existência dentro dela, há que, mais do que nunca, entender o que ela faz com as nossas mentes. Assim, o nosso objetivo é investigar o questionamento sempre atual de Simmel: como se configura, hoje, a vida mental das nossas metrópoles?

É POSSÍVEL BEM VIVER NAS CIDADES? NOTAS SOBRE O CUIDADO DE SI

Fernando Pinho (IPPUR/UFRJ)

“Jovem é morto a tiros e facadas enquanto bebia em bar”. “Dengue pode ser transmitida durante o sexo, garante estudo”. “Praça Seca: a Síria é aqui. Milícia e tráfico travam guerra na região de Jacarepaguá, que registra um tiroteio por dia”. Essas são manchetes de jornais que inundam e constroem o nosso cotidiano. Sem dúvida, são imagens assustadoras.

Christian Dunker afirma que vivemos em uma época em que o narcisismo e a indiferença moldam a cultura e nossas relações numa espécie de "lógica de condomínio".

Quais cidades a cultura da indiferença e do narcisismo vem produzindo? O que constituiria algo que pudesse ser pensado como uma forma de bem-viver na cidade?

Nesta comunicação é meu propósito realizar uma visada panorâmica, na tentativa de destacar alguns pontos que possam ilustrar materializações do mal-estar urbano e, numa aposta ética, discutir a noção de **cuidado de si** como algo “terapêutico”, que ameniza e que dá forças para a esperança – esperança em si mesmo e no outro. Para desenvolver esse ensaio recorrerei à fase da ética/estética da existência em Michel Foucault, localizada no fim de 1970 e início de 1980, em que o tema do cuidado de si ganha força.